

MARX, TRABALHO ESTRANHADO E PROPRIEDADE PRIVADA

TÂNIA SERRA AZUL MACHADO BEZERRA

O impacto de Marx só pode ser comparado ao de figuras religiosas como Jesus ou Maomé. Na maior parte da segunda metade do século XX, aproximadamente quatro em cada dez pessoas viviam sob governos que se consideravam marxistas e afirmavam – ainda que isso possa parecer implausível – usar os princípios de Marx para decidir como a nação deveria ser dirigida. Nesses países, Marx era uma espécie de Jesus secular: seus escritos eram a fonte última de verdade e autoridade. (SINGER, 2003, p.13)

Que idéias puderam gerar tamanho impacto social? Quais pensamentos seriam capazes de atingir tão longo alcance? Na segunda metade do século XX a teoria marxista estava indiscutivelmente disseminada, afirma Peter Singer. Muitos eram os governos que se diziam guiados pelos princípios marxistas. A proposta de igualdade entre os homens, onde aqueles que por muito tempo viveram às margens das regalias sociais podiam chegar ao poder, se tornou alvo de expectativas e transformações no mundo capitalista.

A figura de Karl Marx chegou a, contraditoriamente, gerar um “fanatismo religioso” visto que seus escritos eram seguidos como dogma de fé, onde não se admitiam contestações ou críticas. A consistência de suas concepções teóricas revolucionou o pensamento de gerações e gerações. Inúmeros foram os indivíduos que identificados com sua teoria se dispuseram da própria vida em defesa de seu modelo de organização da sociedade. Algumas nações (como China, Cuba, Coréia do Norte, Vietnã) até hoje afirmam seguir seu modelo teórico e inúmeras são as polêmicas em torno de tal aplicação.

O fato é que a teoria desenvolvida por Marx atingiu notoriedade mundial e, com isso constituiu-se como uma ameaça à manutenção da hegemonia do capital. Uma vez que este defendia a erradicação da propriedade privada, colocando esta como a principal inimiga da emancipação do homem. Isso porque, defendia a coletivização dos meios de produção, em que trabalhadores conscientes de seu papel

histórico conseguiriam dividir o produto do trabalho sem que precisassem explorar um ao outro.

A influência do pensamento marxista abalou profundamente as inúmeras formas de sociedade do século passado. Os governos conservadores, segundo Singer, tiveram que se articular para conter movimentos revolucionários estimulados pelas propostas de Marx. Assim, a ameaça de suas idéias foi usada como justificativa para o nacionalismo exacerbado e nefasto de Hitler e Mussolini:

[...] mesmo onde não havia perigo de uma revolução interna, a existência do inimigo marxista no estrangeiro servia como justificativa para que os governos aumentassem os gastos com armamentos e restringissem os direitos individuais em nome da segurança nacional. (SINGER, 2003, p. 13)

Antes de abordar um pouco da complexa teoria desse polêmico teórico é importante pontuarmos algumas passagens de sua conturbada existência, tendo como base a obra *Marx*, de Peter Singer, um volume integrante da Coleção *Mestres do Pensar*. Karl Marx nasceu em 1818 na República Federal da Alemanha. Era de origem judaica, filho de Heinrich e Henrietta, sua família desfrutava de certo conforto financeiro.

Aos dezessete anos foi estudar Direito na Universidade de Bonn, mas essa empreitada não lhe rendeu bons resultados, pois o curso não lhe estimulava os interesses intelectuais. Depois de um ano, na tentativa de ter no filho o exercício da advocacia, seu pai o transferiu para a rígida Universidade de Berlim. Mesmo assim, Marx desviou seus anseios para o campo filosófico.

Após a morte do pai, pensando em seguir uma carreira acadêmica, começou a desenvolver uma tese para doutorar-se, escolheu um tema bastante erudito, traçou um paralelo entre o debate filosófico antigo de Epicuro e Demócrito e a filosofia hegeliana (campo de grandes divergências políticas no pensamento alemão, segundo Singer). Teve sua tese aprovada sem, no entanto, conseguir um cargo acadêmico.

Sem perder tempo, aproveitando-se de sua notória capacidade de escrever criticamente, Marx se envolveu com

jornalismo. Contribuiu com escritos para um jornal recém-fundado, a *Gazeta Renana*, abordava assuntos polêmicos como filosofia, economia e política, dando a seus artigos a potência de sua criticidade. Com a aprovação pública de suas obras cresceu rapidamente na empresa e chegou ao cargo de editor.

Com efeito, não desfrutou do cargo por muito tempo. Não por falta de competência, mas de acordo com Singer, por excesso de censura do governo prussiano que começava a incomodar-se com suas posições políticas, o jornal foi tirado de circulação. O fato pouco o afetou, pelo contrário, se sentiu estimulado a aprofundar-se no desenvolvimento de suas teorias e passou a elaborar uma análise crítica sobre a filosofia política de Hegel.

Foi convidado para editor dos *Anais Germano-Franceses*. O novo emprego lhe possibilitou renda suficiente para casar-se. Em seguida, no ano de 1843, os recém-casados foram estabelecer-se em Paris, lugar onde rapidamente envolveram-se com o pensamento progressista de radicais socialistas. Após a publicação de alguns poucos artigos para os *Anais*, Marx foi mais uma vez perseguido pela censura prussiana, sua posição comunista revolucionária lhe custou um mandado de prisão. Assim não podia mais voltar à Alemanha.

Passou a sobreviver de uma certa quantia em dinheiro que havia recebido da dissolução do primeiro jornal que trabalhara, o *Gazeta Renana*. Para Singer, estava mais do que nunca trilhado seu perseguido papel de revolucionário e, em 1844, preparando-se para realmente receber o título de comunista, Marx aprofundou-se em estudos filosóficos, ampliou conceitos sobre política e economia, procurou a concepção histórica dos fatos.

Ainda no ano de 1844, conheceu Friedrich Engels, intelectual alemão, filho de um rico industrial. Este em contato com as mesmas subversivas idéias, tornou-se um "socialista revolucionário" (SINGER, 2003). O novo amigo começou a colaborar junto a Marx para um panfleto, que serviu de inspiração para Karl, dando origem a seu primeiro livro publicado, *A Sagrada Família*, em 1845. Aumentavam assim as perseguições políticas, os princípios de contestação social incomodavam demasiadamente os conservado-

res e Karl Marx foi expulso de Paris, mudando-se para Bruxelas com sua mulher e sua primeira filha.

Em Bruxelas, organizou um Comitê de Correspondência Comunista, a fim de articular comunistas dos mais diversos países. Residiu na região por três anos e lá foi contratado para escrever uma "análise crítica de economia política", livro que mais tarde se tornaria o primeiro volume de *O Capital*. Mesmo tendo recebido adiantado o pagamento da obra, acabou não chegando, por enquanto, a sua conclusão. Engels passou a ajudá-lo financeiramente.

Protelou seu livro sobre economia e passando por uma fase de desconstrução do pensamento comunista dos círculos intelectuais que freqüentava, escreveu uma crítica às idéias filosóficas e revolucionárias vigentes, *A ideologia alemã*. A obra não foi bem aceita, por isso não conseguiu publicá-la. No processo de construção de sua própria teoria, segundo Singer, atravessou um período de intolerância e divergência dentro do Comitê de Correspondência Comunista. Convicto da importância de suas idéias, não admitia opiniões diferentes das suas. Em 1847, Marx e Engels participaram do primeiro congresso da recentemente formada Liga Comunista, sediado em Londres o evento foi solo fértil para as idéias de Karl e prática comunista.

De acordo com Singer, para dar seqüência aos debates iniciados no evento, Marx anunciou sua proposta de efetivação do comunismo. Assim em 1848, em parceria com Engels, redigiu didaticamente os preceitos da Liga Comunista; essa redação foi intitulada de *o Manifesto Comunista*, publicado em fevereiro do mesmo ano. Pelo menos naquele momento a obra não obteve sucesso. Em virtude da revolução francesa, pôde voltar a Paris, sendo, no entanto, expulso pelo governo belga onde já estava estabelecido.

Enfrentou outras perseguições, voltou à Alemanha respaldado por uma revolução em Berlim, tão logo o movimento alcançou o fracasso teve que fugir novamente. Ainda chegou a fundar um jornal radical em Colônia, apoiador de levantes revolucionários, mas em pouco tempo precisou refugiar-se, com o restabelecimento da monarquia prussiana. Não conseguiu asilo em Paris e à espera da idealizada revolução refugiou-se na Inglaterra, em 1849. Londres foi o cenário que desenhou os últimos anos da vida de Marx.

Com o tempo e devido ao implacável combate ao comunismo a Liga Comunista foi dissolvida, temporariamente. Depois desse acontecimento, em consonância com o texto de Singer, Marx vivenciou momentos de isolamento e problemas familiares. Passou um longo período à espera da revolução e nos anos de 1857 e 1858 voltou a esboçar *O Capital*, mas só em 1867 concluiu o primeiro volume dessa obra, não obtendo aceitação imediata. Em 1864, por causa da Associação Internacional dos Trabalhadores, voltou às atividades políticas.

Assumiu um papel de liderança dentro da Associação. E, apesar de discordar em alguns pontos da liderança sindical, atravessou uma experiência marcada por um pouco mais de tolerância. De acordo com Singer, tentou aproximar os trabalhadores de suas idéias. Marx começou a tornar-se uma figura conhecida, ao publicar em 1871, *A Guerra Civil na França*. Este texto discorria sobre o levante dos trabalhadores da França que tomaram o poder por curtos dois meses. Essa publicação lhe rendeu simpatia em âmbito mundial, dentro dos pensamentos socialistas. Afirma Singer:

As idéias de Marx estavam finalmente se disseminando. Em 1871, foi necessária uma segunda edição de *O Capital*. Em 1872, apareceu uma tradução russa – Marx era muito popular entre os revolucionários russos –, e logo se seguiu uma tradução para o francês. (2003, p. 22).

Marx continuou se correspondendo com socialistas em toda a Europa, difundindo sua teoria sobre o socialismo científico. Ainda esboçou o segundo e o terceiro volumes de *O Capital*, mas foi Engels que, após a morte de Marx, os concluiu para efeito de publicação. Karl Marx, depois de enfrentar irreparáveis perdas familiares, adoeceu e faleceu em março de 1883.

Agora, em um segundo momento discutiremos de forma inicial, alguns aspectos de sua crítica implacável ao capitalismo. Marx elegeu em sua obra: *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, duas categorias como fundamentais para uma análise da sociedade produtora de mercadorias: Trabalho Estranhado e Propriedade Privada. Assim, procuraremos

a seguir, expor um pouco do pensamento do *jovem Marx* no que diz respeito ao “ato do estranhamento da atividade humana”. É uma tentativa de fazer um ligeiro contato com um escrito de bastante relevância, desse pensador, reafirmando a contundência de sua teoria. Apesar de sabermos que na referida obra, Karl ainda não havia adquirido a maturidade científica mais tarde revelada em *O Capital*.

Trabalho Estranhado e Propriedade Privada

Antes de mais nada, é necessário fazermos um resgate histórico de natureza ocidental para adentrarmos a origem da relação de produção que proporciona o estranhamento. Constitui-se como o momento em que o produtor (o camponês) é expropriado dos meios de produção, em virtude de uma nova forma de acumulação de riquezas. Assim, será possível percebermos em que período o trabalhador perde o domínio sobre o seu trabalho, para ceder espaço a sociedade produtora de mercadorias (o capitalismo).

De acordo com Nikitin, “Em determinada etapa da evolução social a produção de mercadoria faz surgir o capitalismo” (1967, p. 60). Sistema Social no qual os meios de produção pertencem a um grupo reduzido de indivíduos. No entanto, para que estes possam acumular riquezas, necessitam de trabalhadores, que por sua vez, devem possuir apenas liberdade pessoal e a força de trabalho. Estão, portanto, distanciados dos meios de produção e, conseqüentemente dos meios de subsistência, então só lhes resta a opção de trabalhar para os donos do capital.

Nos deparamos, pois, com o aparecimento do capitalismo. Em meio a um processo intitulado por Marx de *Acumulação Primitiva*, no qual, de acordo com esse teórico, foram criadas as condições necessárias para o advento da relação de produção capitalista. Teorizou Marx: “Nada mais é do que o processo histórico de divorciar o produtor dos meios de produção” (1966, p. 61).

Para Nikitin, duas situações foram necessárias para o surgimento do capitalismo:

[...] em primeiro lugar, a existência de pessoas que gozam de liberdade pessoal mas não têm nem os meios

de produção nem os meios de subsistência e devem, portanto, vender sua força de trabalho; e, em segundo lugar, a concentração dos meios de produção e de grandes quantidades de dinheiro nas mãos de certos indivíduos. (1966, p. 61).

De acordo com a explicitação desse teórico, tais condições foram propiciadas em meio ao Sistema Feudal. Momento histórico em que a burguesia começou a surgir e, junto com os proprietários de terra, e o Poder Estatal, começou a pressionar coercitivamente a massa de desfavorecidos.

Em consonância com o resgate histórico baseado no Capital (Marx), feito por Nikitin, os proprietários de terras estimulados pelo surgimento das primeiras indústrias (na Inglaterra, por exemplo), se apoderaram dos terrenos que tinham em comum com os camponeses, a fim de dar espaço a rebanhos de ovelhas, uma vez que a lã era alvo de grande procura para a expansão da indústria têxtil. Entre outros motivos, os camponeses foram de fato, expulsos de seus pequenos pedaços de terra, onde produziam para a subsistência.

Estavam, então, criadas as condições objetivas para a proliferação do capitalismo que, somadas ao sistema colonial aplicado aos povos da África, Ásia e América, aceleraram a ascensão das relações capitalistas de produção. Expulsos do campo e desprovidos dos meios de produção, os trabalhadores ou migravam progressivamente para o trabalho fabril ou convertiam-se em mendigos e salteadores.

A indústria, dessa maneira, se beneficiou com a abundância de mão-de-obra barata. Temos um campo fértil para o estranhamento do trabalho: ao ser lançado no ambiente industrial o indivíduo rural encontrou meios de produção completamente diferentes, deparou-se com uma disciplina militar de trabalho incompatível com a vida do campo, local de trabalho diferenciado, produção em grande escala (antes era apenas para a subsistência), com produtos bem diferentes dos que estavam acostumados a produzir, além de não mais decidir o que, quando, quanto ou como produzir o produto de seu trabalho era exclusividade do patrão. Uma realidade de estranhamento é instalada, o trabalhador é acometido por outra relação de produção, passa a ser um assalariado, submetendo-se a cruéis jornadas de trabalho.

A partir da própria economia nacional, com suas próprias palavras, constatamos que o trabalhador baixa a condição de mercadoria e à de mais miserável mercadoria, que a miséria do trabalhador põe-se em relação inversa à potência e à grandeza da sua produção, que o resultado necessário da concorrência é a acumulação de capital em poucas mãos [...] (MARX, 2004, p. 79).

Diante dessa abordagem teórica, percebe-se que a lógica do capital se concretiza na esfera da propriedade privada. Nesse aspecto, de acordo com Marx, intensificam-se as leis abstratas de dilapidação do trabalhador, baseadas no interesse individualizado do capitalista. Temos a divisão entre trabalho e capital, entre capital e terra, estimula-se a gananciosa concorrência e a corrida pela expansão dos lucros.

As relações humanas transfiguram-se então, em transferência de valores materiais, restringem-se, como explicita Marx, ao conceito de valor de troca. Assim, nesse sentido, quanto mais o trabalhador produz mercadorias, mais se desvaloriza no mundo do dinheiro. O indivíduo, possuidor apenas de sua força de trabalho, distancia-se das riquezas que produz. Os objetos produzidos lhes parece, estranho e hostil, adquirem vida própria e, sob a égide do capital, passam a valer bem mais do que quem os produz:

O trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadoria cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. (MARX, 2004, p.80).

O trabalhador, em consonância com o texto de Marx, ao efetivar seu trabalho, objetivá-lo diante de relações de exploração, acaba por desefetivar-se em seu gênero humano. Ou seja, a objetivação do trabalho, nessa ótica, caracteriza-se como uma *perda do objeto e a conseqüente servidão a ele*. Evidencia-se um contexto de alienação, pois o indivíduo perde o domínio do que produz e, um outro, um estranho, envolvido nesse ínterim de estranhamento apropria-se do que foi produzido.

Tem-se, dessa forma, um paradoxo: aquele que trabalhou, produziu, somente com imensuráveis esforços conseguirá apropriar-se da menor parte que seja de seu produto. Um operário assalariado da construção civil no Brasil, por exemplo, passa grande parte de seus dias erguendo um patrimônio que não é seu. Mesmo depois de edificar tantas moradias, dificilmente consegue adquirir sua própria habitação. Isso porque temos a apropriação privada dos meios de produção e a indiscriminada exploração do homem pelo homem. Teoriza Marx:

A apropriação do objeto tanto parece como estranhamento que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu produto, do capital. (2004, p. 81).

Diante de tais referências, percebe-se que com o aprimoramento da alienação do trabalho, o “mundo objetivo, alheio ao trabalhador”, torna-se cada vez mais imponente. Ressalta-se um contexto onde o produto engrena uma existência externa ao produtor, apresenta-se como algo indiferente ao seu criador. Este, por sua vez, afasta-se de sua obra e inferioriza-se em confronto com o valor de troca de sua criação.

Em continuidade ao pensamento de Marx, outro aspecto é apontado como fruto da relação trabalho estranhado e propriedade privada dos meios de produção, é a apropriação da natureza que, veiculada através de relações de exploração, acaba por aparecer como mais um estranhamento. Em outras palavras, para produzir o trabalhador precisa da natureza em dois aspectos: primeiro porque é dela que ele retira a matéria para a efetivação laboral; segundo é também dessa fonte, em um aspecto mais peculiar, que ele extrai seus meios de subsistência orgânica. No entanto, quando o contato com o meio natural se dá sob a “ordem do capital”, a natureza finda por se tornar alvo de estranhamento. Ora, o “mundo externo sensível (natural)” se apresenta tanto como meio de produzir, quanto como objeto de trabalho. Assim, se reafirma “as leis da propriedade privada”, uma vez que o trabalhador distancia-se da natureza por não deter os meios de produção, estes são posse do capitalista. Considera Marx:

Quanto mais, portanto, o trabalhador se apropria do mundo externo, da natureza sensível, por meio do seu trabalho, tanto mais ele se priva dos meios de vida segundo um duplo sentido: primeiro, que sempre mais o mundo exterior sensível deixa de ser um objeto pertencente ao seu trabalho; segundo, que o mundo exterior sensível cessa, cada vez mais, de ser meio de vida no sentido imediato, meio para a subsistência física do trabalhador. (2000, p. 81)

Temos a subsunção do trabalhador à lógica de acumulação individual de riquezas. O indivíduo que vive do trabalho, distancia-se do objeto que produz, de si mesmo e da natureza, concedendo ao “opressor, ao estranho”, o poder de decisão sobre a produção e ainda, no que concerne às suas necessidades vitais. Assim, instala-se uma relação de servidão e completa dependência entre o indivíduo e seu produto (e o capital). Isso porque, de acordo com Marx, “quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir”, diante de imposições capitalistas, “quanto mais cria mais sem valor e indigno ele se torna” (2004).

De acordo com tal pensamento, o homem precisa ter o domínio de si, para produzir em liberdade. Na verdade, é necessário que a produção favoreça a sociedade como um todo e que, os meios de produção sejam de posse irrestrita da comunidade. Ter-se-ia então, um benefício comum, uma distribuição igualitária da renda. Do contrário, o homem acaba por vincular-se a uma “atividade que lhe parece estranha”, não é a sua “auto-atividade”, embebida de seus próprios objetivos e consequência direta da sua auto-realização. O ato laborativo é, nesse sentido, “a perda de si mesmo” (MARX, 2004), em detrimento dos interesses de um grupo restrito de exploradores.

Nos deparamos mais uma vez, com uma determinação do estranhamento do trabalho. Já havíamos discutido que, em torno de um contexto social capitalista, no qual o trabalho humano é veículo de extração da mais-valia, o trabalhador tanto desconhece o objeto que produz, quanto a apropriação da natureza se dá de forma estranhada. Agora, nos vemos diante de outra implicação: o estranhamento da própria atividade produtiva, no momento da objetivação do trabalho. Pois, segundo Marx:

Se, portanto, o produto do trabalho é a exteriorização, então a produção mesma tem de ser a exteriorização ativa, a exteriorização da atividade, a atividade da exteriorização. No estranhamento do objeto do trabalho resume-se somente o estranhamento, a exteriorização na atividade do trabalho mesmo. (2004, p.82).

Nessa perspectiva, o produto configura-se apenas como o resultado, assim, se o “fim” acontece de forma estranhada, a atividade que o gerou não é diferente. Esta, também se construiu com bases alienantes, externas ao produtor. Uma vez que este se distancia de si mesmo no momento em que se entrega a essa forma estranhada de produzir.

Aqueles que vivem do trabalho submetido à expansão do capital, exercem dessa forma, uma atividade na qual não se identificam e acabam por, de acordo com Marx, negar-se. Produzem objetos externos a eles, distanciados, fora de seus domínios sociais e, por fim, se afastam de si mesmos e da natureza. A atividade laboral, que poderia ser fonte de realização, se apresenta como um fardo, um sacrifício, algo de caráter obrigatório que tem a única função de suprir necessidades orgânicas. Transfere-se para o trabalho toda a insatisfação gerada pela negação do gênero humano. Pois há a constatação, em consonância com a teoria marxiana, que o trabalhador não trabalha para si, direcionado à sua realização. Mas, produz em função de outro, um estranho, que se apropria da atividade alheia para enriquecimento individual. Teoriza Marx:

Chega-se, por conseguinte, ao resultado de que o homem (o trabalhador) só se sente como ser livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, adornos etc., e em suas funções humanas só se sente como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal. (2004, p. 83)

Bem, faz-se necessário esclarecer o que viria a ser, de acordo com raciocínio marxista, a negação do gênero humano abordada no parágrafo anterior. Antes de mais nada, é relevante explicitar que fatores caracterizam o homem enquanto ser genérico. Trata-se pois de sua universalidade, uma vez que ele interage consigo mesmo, com os outros de sua espécie e com a natureza de uma forma geral, como “um ser universal e por isso livre” (2004, p. 84). Assim, o

gênero humano contempla toda essa diversidade relacional que inclui os elementos naturais tanto como meio de vida imediato, quanto como meios para a produção; integrando também o mundo animal e social.

É essa combinação de elementos (orgânicos, inorgânicos e sociais) que faz do homem um ser genérico. Capaz de transformar o mundo a sua volta, de forma livre e consciente. Nesse contexto, pensando com Marx, a ação produtiva deveria acontecer, baseada em um indivíduo livre e consciente, como extensão da vontade e da convicção humana, garantindo sua universalidade.

Porém, diante da expansão do trabalho estranhado, respaldado pelas *leis da propriedade privada*, nega-se essa manifestação do gênero humano, de exercício de sua consciência. O caráter de universalidade do homem é podado, substituído, portanto, pela castração de sua essência. Afirma Marx:

Na medida em que o trabalho estranhado estranha do homem a natureza, e o homem de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o gênero humano. Faz-lhe da vida genérica apenas um meio da vida individual. Primeiro estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata e estranhada. (2004, p. 84).

Inserido nesse íterim alienante, o trabalhador perde a oportunidade de confirmar-se diante da objetivação de seu trabalho. Pois, para Marx, é na efetivação da atividade produtiva que o homem pode moldar, conscientemente, o ambiente em que vive. Fazer o mundo a sua maneira, de forma a realizar-se, implementando seu aspecto universal e livre.

Ora, se o trabalhador depara-se com a negação de sua liberdade produtiva, se o que produz não lhe pertence, se a natureza lhe parece estranha e hostil, se ele afasta-se de si mesmo, restringindo-se a necessidades puramente físicas, alguém, assinala Marx, outro homem, beneficia-se de tudo isso. Essa relação de estranhamento não é obra do acaso, do desconhecido ou sobrenatural, ela efetiva-se na concretude da exploração do homem pelo homem, é o resultado da relação entre trabalho estranhado e propriedade privada. Paira, no entanto, a dúvida se a propriedade priva-

da é o produto ou a causa da exteriorização do trabalho. Mas baseando-se na teoria do pensador alemão em estudo:

A propriedade privada é, portanto, o produto, o resultado, a conseqüência necessária do trabalho exteriorizado, da relação externa do trabalhador com a natureza e consigo mesmo. (2004, p. 87).

Vem-se a concluir que “mais tarde esta relação se transforma em ação recíproca”(p.88).

O fato é que só o rompimento com essa interação (trabalho estranhado x propriedade privada), pode propiciar, segundo Marx, a emancipação da classe trabalhadora. Pois, para este teórico, a dilapidação do gênero humano está francamente envolvida com as relações produtivas do capitalismo, provindo delas várias outras conseqüências de âmbitos sociais. É por isso, que Karl Marx optou por dedicar sua vida à tentativa de apontar uma saída para a dissolução desses preceitos desumanizadores, contestando a “coisificação do mundo dos homens” e reafirmando os valores que correspondem à essência humana. Sua proposta consiste na coletivização dos meios de produção e na distribuição igualitária da renda (o socialismo). Seria o advento de uma nova sociabilidade, na qual os trabalhadores poderiam superar um longo processo histórico de exploração, recuperando o domínio de si mesmo e de sua atividade produtiva.

Referências Bibliográficas

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Tradução, apresentação e notas de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

_____. *O capital: crítica da economia política*. Livro Primeiro – O Processo de Produção do Capital. v. I. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1890.

_____. *Miséria de la filosofia*. Buenos Aires: Actualidade, 1927.

P. NIKITIN. *Fundamentos de economia política*. Tradução de A. Veiga Fialho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

SINGER, Peter. *Mestres do Pensar – Marx*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.